

to às mil cambiantes da mais heterogênea imigração — tem forçosamente de ser um país de unidade difícil, com múltiplas correntes de opinião e abalado pelos mais desencontrados pareceres. E porisso mesmo é que tem de ser um país essencialmente nacionalista para, no meio de tantas solicitações diferentes, ficar com a sua fisionomia bem americana, bem brasileira, bem característica dum povo que, a-pesar-de tão espalhado e tão pouco acessível a si próprio, quere manter e impôr seus direitos de grande potência, sua vitalidade de país forte e rico.

Tais direitos, porém, nem são os defensores exaltados que lhos dão com suas campanhas arrenegadas, nem são os acusadores mal seguros e nada esclarecidos que lhos tiram com seus despropósitos e basófias. Cada um no seu lugar, com suas virtudes e suas culpas, deve esperar serenamente que as coisas sigam o caminho que uma política mais alta, de povo para povo, venha, no decorrer dos anos, a firmar entre os dois países irmãos, que já não são *metrópole* e *colônia*, e entre os quais a moeda já não tem a dependência doutro, causa imediata de todas as outras dependências.

Vejamos, nessa ordem de ideas, o que se tem feito até agora entre Portugal e Brasil e o que conviria fazer.

* * *

Ultimamente, quasi que o *único* aproximador tem sido o João de Barros, excelente rapaz, poeta brilhante e facil, e a quem por cá tem chamado tudo isto:

Resuscitador da Raça!
Detentor das Victorias!
Expressão maxima da Raça!

Eu sei pouco destas coisas, porque, felizmente para as letras e para mim, em vez de me lançar a fazer maus livros, tenho dedicado toda a minha vida útil a promover que se publiquem e espalhem as boas obras dos bons autores da minha Terra.

Mas, perante tais excessos, só justificáveis em alunos daquela famosa «deletéria escola do elogio mútuo» tão cultivada desde Castilho, está-me parecendo que o primeiro a não acreditar é o próprio João de Barros que, sem a mínima certeza do seu triunfo, sempre desconfiado de si mesmo, mal transpõe a barra do Rio de Janeiro se sente desde logo remetido à sua posição normal de «bom-rapaz», alegre, saltador, vistosa borboleta das letras portuguezas.

EXPRESSÃO MÁXIMA DA RAÇA!

Como poeta? — Mas então, já não vive o sr. Guerra Junqueiro? — Não são poetas de Portugal Correia d'Oliveira, Eugenio de Castro, Augusto Gil, Teixeira de Pascoaes, Fausto Guedes e Afonso Lopes Vieira? Não subscreveram alguns dos melhores versos dos últimos tempos Jaime Cortesão, Mario Beirão, Augusto Casimiro e Joaquim de Almeara?

Como pedagogo? — Que é feito então de Aurélio da Costa Ferreira e António Sérgio, de Celestino da Costa e Faria de Vasconcelos, Alfredo Bensaude e Agostinho de Campos, Alfredo Coelho de Magalhães e João de Deus Ramos?

Que aproximação é esta entre Portugal e Brasil, donde se fica apenas a saber que o mais alto português é a sua pessoa e o mais alto brasileiro o seu amigo?

Não, meu caro João de Barros. Você anda errado. Da última vez que teve o gesto milionário de vir dar um passeio até cá, você disse-me que era o *único português que não ganhava dinheiro no Brasil*. Você estava visivelmente contrafeito e eu não quis demorá-lo a pedir-lhe que me explicasse as misteriosas palavras, que a minha estupidez não logrou perceber. Não voltámos a encontrar-nos. Não pude falar-lhe com a rude clareza que costume pôr sempre nas minhas toscas palavras de pessoa a quem os grandes espíritos não conseguem ofender com os seus olímpicos desdems. E, portanto, não pude dizer-lhe o que pensava do seu erro. A *aproximação* faz-se, julgo eu, doutro modo e com mais gente. Essa formosa estação de águas, que é Portugal, «esse segundo Goyaz do Brasil», que tanto dá que fazer a generosos protectores da nossa Terra, apesar-de tudo quanto tem descido, ainda pode apresentar-se de cara erguida, e nome glorioso, a reivindicar respeitois mais altos e amizades mais vastas. Você sonhou destruir a *Águia* com a *Atlantida*. Falhou. Você sonhou destruir as edições da «Renascença» com as suas. Falhou. Você sonhou reduzir Portugal-Brasil a duas simples pessoas. Falhou. Eu não posso ser seu inimigo, porque absolutamente nada, até hoje, V. tem colhido no meu campo ou eu tentado colher no seu. Cortei em determinado tempo relações comsigo, porque o vi demasiado senhor do seu lugar burocrático, tratando-me de alto. Mas, não tive dúvida alguma em as reatar, quando V. o desejou. Não faço versos. Não tenho o mau veso de escrever livros. Sou, portanto, insuspeito para falar de si. E porisso me atrevo a não concordar com a sua fórmula tão estreita de intercâmbio, que conduz a fazer de V. a expressão máxima da Raça! E V., se era sincero nos seus propósitos, se vinha ao Brasil, em generoso passeio de propaganda, para ser bom à sua Terra, sabendo perfeitamente que estávamos instalando uma casa editora em que se prolongasse a obra da «Renascença» e se fomentasse

o mais possível o conhecimento luso-brasileiro, devia procurar saber a nossa orientação, guiar-nos, quem sabe? para o bom caminho. E V. não precisava de incomodar-se comigo, que não tenho nome nas letras. V. tinha o António Sergio, pedagogo, filósofo, poeta, com quem talvez pudesse trocar impressões benéficas. Nós fomos a uma conferência sua, na Biblioteca, ouvindo ler-lhe muitos versos seus. Acompanhámos pelos jornais toda a sua acção de visitas, banquetes e hinos de glorificação luso-brasileira. E vimos sempre que V. estava errado. Que não lhe chegava a língua. Que não estava no verdadeiro ponto de vista. Não quero dizer, de maneira alguma, que o recrudescimento do nativismo, o caso dos poveiros, súbitos excessos de linguagem xenofobista, coincidindo com a sua saída, fossem o resultado da sua visita. De maneira nenhuma. Mas, também estou por crer que, tivesse V. vindo ou não, as coisas se passavam da mesma forma. E porisso, meu caro João de Barros, descomponha-me V. à vontade, mas ouça um conselho, na certeza de que é dado por quem muito deseja que V. faça melhor figura neste mundo: se V., segundo as tais misteriosas palavras que eu não percebi, é o único português que não ganha dinheiro no Brasil e está convencido de que isto de *expressão máxima da Raça*, são cantigas óh Rosa!, dê ao diabo êsse tal campeonato do inter-câmbio e trabalhe connosco. Somos portugueses e dum só parecer. Tem a *Águia*, onde pode colaborar à sua vontade. Tem a «Renascença»; para lhe editar os seus livros. E, colocando-se no seu lugar, com sensatez e reflectida ponderação, V. será muito mais útil ao seu país, ao Brasil e a si próprio. Para ser o mais justo possível nestas palavras que V., decerto, me não dará a honra de ler, eu tenho procurado com insistência ver o que V. tem feito entre Portugal e Brasil e apenas vejo amizades pessoais, que muito o podem interessar a V., mas que fazem tanto bem a Portugal como à China, como ao Perú. Condecorações para brasileiros ilustres? Suponho que êles agradeceriam muito mais que V. lhes espalhasse as obras, que V. os tornasse conhecidos de Portugal. E creio também que vontade lhe não falta. Mas, perdoe-me a franqueza, V. não pode, porque não tem prestígio nem elementos. V. não sabe realizar essas coisas. Um trabalho dessa natureza não pode ser um trabalho de *blague*, conversas de café, aventuras galantes. É preciso muito esforço, uma persistência ilimitada, uma severa intransigência, ninharias que V. não está para conhecer.

* * *

Ainda em Lisboa, pouco antes de embarcar, um *reporter* de certo grande jornal pediu-me apontamentos para uma entrevista sobre o inter-câmbio luso-brasileiro. O assunto inte-